

LÍRICA IMPURA VI IMPURE LYRIC VI

Edson Costa Duarte ¹

ZERO

Ombros

Para aliviar minha tristeza

Invencionice tola a tua

Convencionar que tristezas

Se aplacam no vazio.

Andei procurando pela vida

o óbvio ululante

mãos que afagam

corações abertos

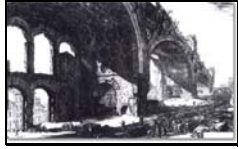
a compaixão explícita ao sofrimento.

Inútil e tola

Invencionice a minha:

acreditar em ombros.

¹ Doutorado em Teoria Literária (2002 – 2006). Universidade Federal de Santa Catarina / USFC, Título da tese: Hilda Hilst: economias estéticas. Orientador: Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos. duarteazul@ig.com.br



I

É quase uma afronta
BeijoBaco.
A mão no rosto.
Dedo contornando a sobrancelha.
É quase uma afronta
BeijoBaco.

II

Só tomar
Depois de tudo pago.
Depois. Depois
Só mais um trago.

III

Tingida
de rosa e azul
A violência do amor
A angústia e a fúria.

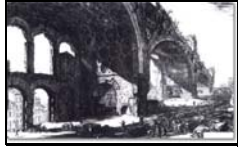
IV

Maior do que o que existe
É o que não existe.

V

Existir com tudo
O que é indício de diferença.
E mesmo assim saber-se
Ser próximo à existência

VI



Cinco anos.
Cabelos brancos na testa.
Te contarei
estória de ninar menino.

VII

O raro
é ficar
mudo e inflexível
diante de tanto
som e escuro.

VIII

Fotografar até a víscera.
Este é o meu vício.

IX

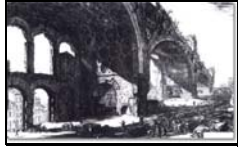
Voltar à vida
Sangrando
Desatinado e implume.
Que assim seja.

X

Tocando os cabelos brancos
da harpa inaudita.
Bendita a fêmea
Que te pariu.

XI

Beligerante.
Eu faço guerra



Comigo mesmo.
E não descanso.

XII

Prantear o póstumo.
Agendar para o hoje
Só o que será.
Está feito.
Está dito.

XIII

Floripa à meia noite.
Luzes sobre a baía que não é.
Pedacinho do céu.
Pântano do Sul.

XIV

Nostalgia de ter sido
Tão colado ao mar
Tão imune às intempéries da vida.
E ao mesmo tempo tão óbvio
Que no tempo em que vivia
Ter percebido nada.

XV

Melancolia dos dias.
Abúlico em todo começo.
Persigo um indício
 um traço
do que seja o vício de viver.

XVI



Erguer-se sem escoras.
Não há um levantar
Que não cumpra
Sua sina
Sua demora.

XVII

Órfão cósmico.
Palavras intensas
De orfandade
Escritas com perdas
No mais profundo
De minha pele.

XVIII

Pensar o mundo dói.
Dói até o tutano do osso.
Compaixão que não cessa
De transformar-se em compaixão.
Coexistir quase quase
Como se fosse outro.
Mas ainda fica esta ínfima
Brecha entre
O que me penso e o que sou.

XIX

Melancolia dos dias infindos
Quando o relógio soa sete horas
De espera que mais um dia
Se finde.
Depois
Depois só o mergulho na noite
Que é sempre a mesma
Funda e fria há muitos dias.

XX

Devo beber mais um pouco?
Mar infinito é o que vejo



Sem nenhum trago
De angústia ou desejo.

XXI

Posso roubar teu foguinho
Me diz a mulher.
Quem foi mesmo
Que roubou o fogo dos deuses?
Prometeu?

XXII

Pra te dizer adeus
É só abanar a mão
Assim
Gesto óbvio.
Indigesto.

XXIII

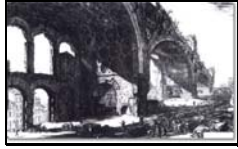
Mira, Liliana, o ocaso
Em Santo Antônio de Lisboa.
Enquanto penso aqui
Nesta cidade fria e inexistente.

XXIV

Sozinho como eu no bar
Trocamos olhares.
Mas é só isso
Indício do que nunca será.

XXV

Calma. Longo é o silêncio
Antes que algum som se faça.



XXVI

0,50 centavos me pede o sujeito:
para eu tomar uma pinga.
Eu nego.
Que maçada.

XXVII

Misericórdia
O acordar do dia
É sempre o mesmo.
Louco.
Insano.

XXVIII

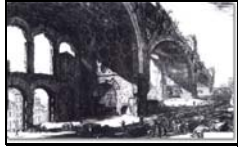
Semear os azuis sobre
As montanhas de Minas Gerais;
Adeus.
Que tudo seja ao que deus dará.

XXIX

Penso doce
Atravessando teus olhos.
Mel escorrendo.
Melado.
Laço entre o breve
E o intenso.

XXX

Breve será.
Olhar de relance.



E está feito o cortejo
Da grande festa.

XXXI

Luz lusco-fusco.
Uma cena.
A vida
Se desenrola
nela.

XXXII

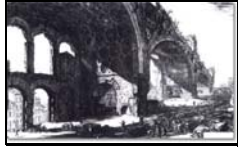
A sensatez seria
O que mesmo?
O controlar-se
Até onde se consegue.
Depois
Depois se entra no campo
Do improvável
Do indelicado.

XXXIII

Perdido entre
Duas pernas
E dois braços.
A estória
é outra.
Que venha o que
deus quiser.

XXXIV

Não há sentimento
Que não retorne.
Feito um susto
Depreendemos pouco
E só anotamos



As diferenças visíveis.
Não há sentimento que não retorne.
Idêntico. O mesmo.
Coisa que nós
- no rio do tempo -
nunca mais seremos.

XXV

Luto
Comigo
E sempre perco
Tendo vencido.